

O infinito leopardiano:

da contemplação idílica à teorização trágica
da insignificância

SANDRO MINISINI

TRADUÇÃO DE MARIAROSARIA FABRIS

A análise do tema do infinito na poe-

sia leopardiana põe em evidência a vitalidade intelectual e a atitude dialética de Giacomo Leopardi, que, ao longo de sua vida, inverte a perspectiva ideológica em termos de ilusões, Natureza, razão. No caso do infinito, também, descobertas consolidadas na primeira fase poética em seguida são negadas ou abandonadas, graças a uma daquelas superações significativas neste poeta moderno, fruto de sua constante investigação filosófica. A análise de “L’Infinito” (1819), da segunda estrofe de “La Vita Solitaria” (1821) e da quarta de “La Ginestra” (1836), vem demonstrar esse ir além da primeira formulação, uma constante no itinerário poético leopardiano.

Uma primeira leitura dos três textos põe em evidência uma série de concordâncias que podem ser resumidas no seguinte esquema:

SANDRO MINISINI
é leitor (professor
visitante) junto à Área de
Língua e Literatura
Italiana do Departamento
de Letras Modernas da
FFLCH-USP.

“L’Infinito”	“La Vita Solitaria”	“La Ginestra”
4 <i>sedendo e mirando</i>	23 <i>Talor m’assido</i>	164 <i>[Sovente] seggo la notte</i>
	35 <i>Sedendo immoto</i>	177 <i>e quando miro</i>
6 <i>profondissima quiete</i>	33 <i>altissima quiete</i>	169 <i>per lo voto seren brillare il mondo</i>
11 <i>mi sovvien l’eterno</i>	34 <i>me stesso e il mondo obbligo</i>	188 <i>E rimembrando</i>
7 <i>io nel pensier mi fingo</i>	36-37 <i>nè spirito o senso più le com- muova</i>	186 <i>al pensier mio qual moto</i>
13-14 <i>Così tra questa immensità s’annega il pensier mio</i>		201-203 <i>allora... o qual pensiero verso te finalmente il cor m’assale?</i>

Que tal procedimento seja lícito e útil para entender a poética de Leopardi é demonstrado por Luigi Blasucci em *L’Esperienza dell’Infinito nella Poesia dei Canti* (1980), ao explicar as inovações da linguagem poética leopardiana levando em consideração as frequências e concordâncias lexicais desde “L’Infinito” até os outros textos posteriores. Entre as ocorrências mais interessantes estão os termos *ermo, silenzio, infinito, immensità, quiete, vento*; da mesma forma os verbos *sedere, mirare, udire* – ocorrências que conotam o mundo poético leopardiano.

Nos três textos citados, podem-se observar, preliminarmente, em “L’Infinito”, as características de um discurso sobre a imaginação (verso 7: “*Io nel pensier mi fingo*”); em “La Vita Solitaria”, as características do abandono sentimental (verso 34: “*quasi me stesso e il mondo obbligo*”) e uma ausência da lembrança à qual corresponde a ausência do espírito e da sensibilidade (versos 36-37); e, enfim, em “La

Ginestra”, as características da argumentação racional: veja-se o conteúdo de *rimembrare* (rememorar) no verso 188 e, nos versos 186 e 201-203, o *pensiero* (pensamento) que se manifesta em sua incessante atividade.

Os dois primeiros textos, que podem ser reportados à poética “do vago e do indeterminado”, propõem aquela paisagem natural revivida emotivamente, que implica um fluxo de afetos e de estados poéticos ligados à imaginação, tão típico do mundo idílico leopardiano. Como observa Mario Fubini, a origem dos *Idilli* leopardianos não está tanto nos idílios greco-helenísticos, por ele traduzidos, quanto na leitura de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, e de *Le Ultime Lettere di Jacopo Ortis*, de Ugo Foscolo, obras nas quais se inspirou ao tentar um romance autobiográfico, *Vita di Lorenzo Sarno*.

Nas anotações de Leopardi, os *Idilli* são definidos como “afeições, aventuras históricas de minha alma”. Essa definição

leopardiana remete às modalidades de sua técnica poética: uma experiência datável do ponto de vista biográfico o perturba emotivamente, levando-o a um estado de frenesi conectado à inspiração poética e provocando nele a necessidade de expressão; só posteriormente, o poeta intervém com correções e reelaborações formais, mas, em sua forma artística, o texto se apresenta já acabado na primeira redação. É surpreendente a analogia entre o método leopardiano de composição e as definições que William Wordsworth deu sobre poesia, a qual nasce de “emoções intensamente experimentadas, e revividas em seguida num estado de quietude”.

A mais interessante dessas emoções, da qual a linguagem é indício (“*Sempre caro... e il naufragar m'è dolce*”), atesta a conexão entre Infinito e Prazer. Dessa forma, segundo Fubini, a anotação sobre o prazer, registrada no *Zibaldone* entre 12 e 23 de julho de 1820, pode ser lida como um comentário de “L’Infinito”, escrito um ano antes:

“Às vezes a alma desejaria e efetivamente deseja uma vista restrita e confinada dentro de certos limites, como nas situações românticas. A razão é a mesma, isto é, o desejo do infinito, porque então no lugar da visão trabalha a imaginação, e o fantástico substitui o real. A alma imagina o que não vê, o que aquela árvore, aquela sebe, aquela torre lhe esconde, e vai vagando num espaço imaginário, e afigura coisas que não poderia se sua visão alcançasse tudo ao redor, porque o real excluiria o imaginário”.

A relação entre desejo e imaginação é sublinhada nesse texto: o infinito é desejado e imaginado como repetição infinita de um prazer da mente, consistindo nisso o prazer da contemplação interior (“*io nel pensiero mi fingo*”). Como observou Antonio Prete em *Il Pensiero Poetante* (1980), no verso 4, “sedendo e mirando” representa o “repouso do desejo”, a mesma condição representada e repetida duas vezes na segunda estrofe de “La Vita Solitaria”: “*Talor m’assido in solitaria parte*” (verso 23) e “*Sedendo*

immoto; e già mi par che sciolte giaccian le membra mie” (versos 35-36).

Esse “repouso do desejo” reaparece na intensa metáfora marinha que fecha “L’Infinito” – “*E il naufragar m’è dolce in questo mare*” –, a qual estabelece um perpétuo remeter das imagens do desejo ao “*sempre caro mi fu*” do início. Esse desejo que repousa no infinito na realidade repousa no nada, porque Leopardi já havia observado que o infinito, assim como é concebido pelo homem, “é um parto de nossa imaginação”, é a expressão de uma idéia nossa.

De igual forma, em “La Vita Solitaria”, o repouso do desejo expresso em “*quasi me stesso e il mondo obblío*” é reforçado por “*e già mi par che sciolte giaccian le membra mie, nè spirito o senso più le commova*”: uma ausência de movimento interior em harmonia e perfeita consonância com o silêncio e a imobilidade da natureza no calor meridiano, mas também aniquilamento do eu no eterno nada da Natureza.

Essa concepção poética, baseada na contemplação estética do infinito e na conexão entre desejo, infinito e prazer, é totalmente superada pelo último Leopardi, numa daquelas evoluções imprevisíveis e extraordinárias que tornam esse poeta tão interessante e atual. Na quarta estrofe de “La Ginestra”, voltamos a contemplar um Infinito noturno, mas esse Infinito é um céu estrelado vazio – “*veggo... per lo voto seren brillare il mondo*” (versos 166-169) – e, por três vezes, em poucos versos, se insiste na nulidade: “*questo globo dove l’uomo è nulla*” (verso 176); “*a cui non l’uomo/ e non la terra sol, ma tutte in uno,/ del numero infinite e della mole,/ con l’aureo sole insiem, le nostre stelle/ o sono ignote, o così paion come/ essi sulla terra, un punto di luce nebulosa*” (versos 180-185); “*questo oscuro granel di sabbia, il qual di terra ha il nome*” (verso 194).

A nulidade e a insignificância do homem são intuídas pelo Leopardi de “La Ginestra” de forma análoga ao que Friedrich Hölderlin havia escrito em *Mnemosyne*: “*Ein Zeichen sind wir, deutungslos./ Schmerzlos sind wir und haben fast/ Die Sprache in der Fremde verloren*” (1).

1 Friedrich Hölderlin, “Mnemosyne (Zweite Fassung)”, in *Werke*, Eschwege, Hoffmann und Campe, 1968, p. 141. Tradução: “Um sinal é o que somos, impenetrável, / nós não sentimos dor e quase em terra / alheia a fala estivemos por perder”.

Esse diálogo entre filosofia e poesia nos textos do último Leopardi, no entanto, não pode ser reportado a uma relação com o sagrado, com o misterioso aspecto sagrado da Natureza, como acontece com Hölderlin (veja-se o final do romance *Hiperion*) e com os outros poetas românticos alemães. Ao contrário, deve ser referido àquele diálogo, nunca abandonado por Leopardi, entre a racionalidade do pensamento iluminista e a inspiração poética romântica. E o resultado original é a capacidade polêmica, crítica em relação aos mitos da época, que se exprime, nos versos 186 e seguintes de “La Ginestra”, com a condenação do espiritualismo e com a afirmação do racionalismo materialista. Outra originalidade desse Infinito noturno leopardiano consiste no fato de ele ser uma Paisagem, isto é, uma representação da infinita distância da Natureza, uma Natureza com a qual o poeta não tem uma relação espiritual toda interior, pela qual não tem um sentimento de fusão mística, ao contrário de Novalis em *Hinos à Noite*. Este, principalmente no “Terceiro Hino”, revela uma relação essencialmente sentimental e “mágica” com a Noite e com a Natureza:

“[...] – *Hin floh die irrdische Herrlichkeit*
[und
meine Trauer mit ihr. Zusammen floss die
[Wehmuth
in eine neue unergründliche Welt – Du
[Nachtbegei-
sterung, Schlummer des Himmels kamst
[über mich.
Die Gegend hob sich sacht empor – über
[der Gegend
schwebte mein entbundner neugeborner
[Geist” (2).

Em Leopardi não se encontra essa fé religiosa no renascer, nem a relação consoladora com a Natureza noturna, mas se encontra um racionalismo negativo, que desmascara e destrói os mitos culturais e as ilusões em nome de uma verdade nua. Aos mitos da época (o positivismo científico, o antropocentrismo) o poeta contrapõe a nulidade, a insignificância, o caráter peri-

férico do homem, que constituem seu último grande tema poético-filosófico: a giesta, a lava do Vesúvio, que sepultou cidades gloriosas, são os emblemas da fragilidade e da marginalidade do homem, “lançado a viver”, *deiectus*, para citar uma expressão de Martin Heidegger, numa terra desolada e deserta, emblemas da condição humana, assim como é concebida pela consciência moderna.

No último Leopardi, não existe nenhuma concessão à ilusão ou ao sentimento, mas a lúcida constatação do aspecto trágico da condição humana, e a última mensagem leopardiana (a solidariedade entre os homens contra o destino) chegou até o mundo atual, porque, como afirma Emanuele Severino, o pensamento de Leopardi mostra que no nosso tempo, na idade da técnica, a poesia e a filosofia não podem ser concebidas separadamente, dissociadas. No nosso tempo, só pode sobreviver uma poesia filosófica, só pode sobreviver uma sabedoria filosófica que, por sua vez, seja poética, isto é, semelhante ao pensamento poético de Leopardi.

L'INFINITO

- 1 *Sempre caro mi fu quest'ermo colle,*
- 2 *E questa siepe, che da tanta parte*
- 3 *Dell'ultimo orizzonte il guardo*
[esclude.
- 4 *Ma sedendo e mirando, interminati*
- 5 *Spazi di là da quella, e sovrumani*
- 6 *Silenzi, e profondissima quiete*
- 7 *Io nel pensier mi fingo; ove per poco*
- 8 *Il cor non si spaura. E come il vento*
- 9 *Odo stormir tra queste piante, io quello*
- 10 *Infinito silenzio a questa voce*
- 11 *Vo comparando: e mi sovvien l'eterno,*
- 12 *E le morte stagioni, e la presente*
- 13 *E viva, e il suon di lei. Così tra questa*
- 14 *Immensità s'annega il pensier mio:*
- 15 *E il naufragar m'è dolce in questo*
[mare.

LA VITA SOLITARIA

- 23 *Talor m'assido in solitaria parte,*
- 24 *Sovra un rialto, al margine d'un lago*

2 Novalis, “Hymnen an die Nacht [3. Einst, da ich bittere Thränen]”, in *Schriften*, 4 v., Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, 1977, v. I, p. 134. Tradução: “Lá se foi a perdida grandiosidade levando/ minha tristeza. E com ela a melancolia para/ um novo mundo impenetrável – Tu, encanto/ da noite, sono dos céus foste sobre mim./ A paisagem suspendeu-se lentamente – sobre ela,/ solto, meu renascido espírito pairava”.

Idillio
1° Infinito

Amare con me fu quest'ermo colle,
E questa siepe, che da tanta parte
Del ^{l'ultimo orizzonte} ~~selvato~~ confine il quadro esclude.
Ma sedend' e mirand', ^{intorniato} ~~un infinito~~
Spazio di là da quella, e sovrumani
Silenzj, e profondissima quiete
Oh nel pensier mi fingo, ove per poco
Il cor non si smarrisce. E come il vento
Odo stormir ^{tra} queste piante, io quello
Infinito silenzio a questa voce
Ut comparando: E mi sovran l'eterno,
E le morte stagioni, e la presente
E viva, e il suon di lei. Così ^{tra} ~~fra~~ questa
^{Infinita} ~~luminosità~~ ^{s'annega il} ~~luminoso~~ pensier ^{mi s'} ~~annega~~
E l' naufragar m'è dolce in questo mare.

